

Renato Suttana

Lâmina
(e outros poemas)



http://www.arquivors.com/renato_lamina.pdf

2006

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

e-mail para contato:
fantasmananoite@ig.com.br

Copyright © Renato Suttana, 2006

*I came in from the wilderness
a creature void of form
(Bob Dylan)*

SUMÁRIO

I / LÂMINA.....	5
II / INSÔNIA.....	6
III / DO FUNDO.....	7
IV / AO NÍVEL DO CHÃO.....	9
V / O PROBLEMA.....	10
VI / AMANHEÇO (I).....	12
VII / EM SONHOS.....	13
VIII / OURO, MANHÃ.....	14
IX / DEPOIS DE UMA NOITE.....	15
X / AMANHEÇO (II).....	16
XI / IMÓVEL.....	17
XII / COOPER.....	18
XIII.....	20
XIV.....	21
XV.....	22
XVI / PRESSA.....	23
XVII.....	24
XVIII.....	25
XIX.....	26
XX.....	27
XXI / O MAIS AGUDO GRITO.....	28
XXII / ELEGIA BREVÍSSIMA.....	30
XXIII.....	31
XXIV / MÁGOA E LODO.....	33
XXV.....	34
XXVI.....	35
XXVII.....	37

I / LÂMINA

Uma lâmina de sol
no teu olho
deserto

As crianças brincam
entre risos e poeira
na tarde azul
(Estar em paz
te convém)

Tua mente
equilibra-se agora –
depois do labirinto
depois da noite
depois do frio

A tarde é lúcida
e toda ela
em setembro.

II / INSÔNIA

Vedava todas as frinchas
na esperança de que
a escuridão
trouxesse o sono

Mas a escuridão não trazia
o sono
Antes a escuridão
apenas despertava
novos pensamentos
apenas despertava
novas imagens
que boiavam cegas no pensamento
à procura de um
impossível
dia

A mulher dormia em silêncio ao meu lado
Lá fora Barroso dormia em silêncio
Mas o desejo de saber
nada sabia
sobre isso.

III / DO FUNDO

Tentando sacar
do fundo deste velho eu
um punhado de areia de sono
para derramá-lo sobre a doçura do dia
e empalidecê-la um pouco

Venha o sono depois
com suas engrenagens e seus ecos
e distribua suas figuras
sobre o que foi o pensamento
e faça dele o que ele

Tudo é difícil neste setembro
Tudo é esforço de manter-se à tona
de conquistar equilíbrio entre gumes
de não envelhecer entre flutuações
entre projetos e dissipações
(que pouco a pouco
transformam o dia num
equivoco)

Não estar assim
Não ser o que está assim entre coisas que
pouco a pouco
vão adquirindo nitidez
Ser uma coisa superior mais nítida
em condições de conceder nitidez
às outras coisas:
luz de sol sobre os jardins
fiapo de sol fragmento do dia estendido sobre uma mesa

Mas não isso
não esta idéia de diminuição
que tem envenenado setembro
que tem desatrelado os cavalos do pensamento
que tem transformado em ruínas
as estruturas dos sentidos

sem nada repor depois do golpe
Que venha o dia
que venha a velha solicitude do dia
para lançar os seus dados os seus grãos as suas moedas
para abrir os seus caminhos
para libertar os seus ventos

sobre nós (porque é sempre sobre nós)

Mas antes é preciso dormir e
estar curado das feridas
Antes é preciso aprender
que ser
a parte do dia que se abre para o dia
depende de ser
uma parte de nós que esteja aberta para o dia.

IV / AO NÍVEL DO CHÃO

Sempre retornamos
ao nível do chão

Não importa a extensão do vôo
não importa a altura atingida
se comparada com a precariedade das asas
Não importa que se tenha ultrapassado um limite

Sempre retornamos
ao nível do chão
ao nível do chão do que é o chão
por entre as pedras e os galhos secos e as folhas secas
do chão
no chão
que dá a medida (ponto de partida
ponto de chegada) de tudo quanto
somos capazes de arder:

que dá a medida da ultrapassagem
do fogo que somos capazes de arder

Sempre retornamos
ao nível do chão.

V / O PROBLEMA

Há um problema a resolver
na noite deserta

A escuridão não ajuda
a resolvê-lo
A fresta da janela
a réstia de luz que vem
de fora
não ajudam
a resolvê-lo

Estar desperto na escuridão
sentindo que a escuridão
se adensa mais
quando olho para ela
estar a revolver os meus pensamentos
a trinta quilômetros
do sono
na treva
nada disso contribui
para solucioná-lo:
nem revirar-me na cama
nem concentrar-me num ponto
que parece mover-se
mais depressa
quanto mais me concentro
quanto mais

Há um problema a resolver
na noite profunda

E a noite passa
sem pressa
De nulo o movimento
(ruído de passos palavras
esparsas
que só me chegam desfiguradas)
se acrescenta
pouco a pouco
na rua
E a rua lá fora
é enorme como uma vastidão –
e lá fora
é estar no mundo

e rodopiar

Logo se arma a manhã
e a claridade aumenta no quarto
e a mente, exausta, aumentada pelos fantasmas
do que no dia não aproveitará
 não sabe
em que recanto ou em meio a que amontoados de idéias
 e de soluções imprestáveis
 e de pensamentos exauridos
perdeu a sua melhor quimera:
que se tornou imprestável também
 quando o dia veio entrando
 sobre a realidade lenta
da rua

Quando o dia veio crescendo
carregado de expectativa
sobre o silêncio
 da cidade
 ainda adormecida
 ainda imersa

no esquecimento.

VI / AMANHEÇO (I)

Amanheço
entre novas idéias
Não me lembro
do que ontem pensei
(de nenhuma conclusão
a que cheguei:
de nenhum verão
sob cujo peso
 ardi
De nada
 em definitivo)

Começo de novo
 e devagar
sem concluir o que
 não fui.

VII / EM SONHOS

Em sonhos ainda tomo banhos
no banheiro daquela casa

Em sonhos ainda me acomodo
àquela mesa rústica
feita de madeira barata
que os anos e os cupins consumiram
completamente

Em sonhos ainda ouço as vozes
que o tempo fixou como figuras num vitral:
e durmo aquelas mesmas noites
e amanheço para aqueles mesmos dias

Em sonhos ainda estou lá
e vagueio por aqueles mesmos cômodos
e não sou ninguém
que poderia se lembrar disso
agora.

VIII / OURO, MANHÃ

Se ser inverno
 não me basta
olho pela janela
à procura de sol
onde há apenas
 julho
e o meu coração a pulsar sob o peso
 do frio
 Olho

e o que vejo lá fora
duplica o sol
 no meu olho

E a rua por onde passam os que se dirigem para a manhã
como se a noite não tivesse
 acontecido
senão como uma grande asa
um grande sossego
em condições de acolher
 os vôos –
é a rua por onde passam
 os que se dirigem
 para a manhã

Olho pela janela
e avisto um vôo –
anônimo, claro
 na manhã de julho gelada –
 a atravessar também
 em direção
 à manhã
e em direção ao amanhecer
 que se estende
sobre os telhados

É como se a noite
nada tivesse
 desmentido
em nossos sentimentos
 antigos.

IX / DEPOIS DE UMA NOITE

Depois de uma noite
de velório
a presença do morto
se desgasta um pouco

A vida dos vivos
se desgasta um pouco –
e tudo permanece como que
inalterado

Pela manhã
recrudescer a dor
E as sombras que dormiram na noite
(que se despiram de si mesmas
na noite)
se põem de novo em movimento
e as aflições recrudescem
(E tudo permanece inalterado)

Levamos o morto para a sepultura
(seu olho ausente não nos enxerga
como outrora:
e sua boca é silêncio)
Com o penhor da fadiga da noite
e das preces
e dos pensamentos
exauridos
que a noite dilapidou lentamente

(A felicidade, pensamos,
não é nenhuma regra
deste mundo)

O silêncio do morto
desgasta as vozes
ao redor.

X / AMANHEÇO (II)

Amanheço
entre outras coisas
E não me lembro
do que ontem fui
(do que ontem pude
 tentei
 como um náufrago tenta
salvar-se nadando
 por cima das ondas)

Nada nos acontece
 em definitivo:
porque nada é definitivo

Começo de novo
 lesto
sem me lembrar
 do que ontem fui
 existi.

XI / IMÓVEL

Quando falo
o que se move são os meus lábios
Meu pensamento permanece imóvel
a fitar um ponto
no chão

Quando penso
o que se move são os meus olhos
Minha intenção não se adianta às coisas
e permanece
imóvel
fitando um ponto negro no espaço

(Avançar é rude
como a tarde é rude
rude por dentro e rude ao redor
e as horas em que se resolve passam rudemente
como se ser setembro as tornasse enormes)

O dia não é neutro
e estar imóvel
é continuar.

XII / COOPER

1

Se não fossem essas três adolescentes
para enfeitar
para amenizar
o silêncio da avenida
poeirenta
tudo por aqui seria só
solidão.

2

Um olho de lince pregado nelas:
e o rapaz
que se debruçou no muro
para espiar.

3

À minha direita o planeta Marte
e à minha esquerda
a outra metade
do infinito.

4

Raro amarelo
sobre um fundo verde –
o ipê

Desgrenhado
esquálido
ainda assim também
quer ser
belo.

5

Há o belo
e há o jovem

E há estas duas mulheres
que se exercitam
caminhando rápidas
na tarde.

6

Imerso em meus
pensamentos
mal me dou conta
de que

meus braços e
pernas.

7

Vou
a algum lugar:
a fadiga que busco
a dispersão que busco
têm um sabor
de já estar lá.

XIII

Que se diz: *da terra*
como se diz a maçã
como se diz a pêra entre os dentes
e o sumo da laranja

Que se diz totalmente
na boca
de pronunciar caminhos
numa tarde de evocações

Que se diz *deste lado de tudo*
como se diz o olho de um cachorro
como se diz
a serpente entre os arbustos
e a casa
entre as metáforas

(De onde não se precisa descer
aonde não se precisa subir
porque é ali que se deve estar
como uma réstia
de sol

numa parede
ou a se projetar sobre uma mesa)
A coisa. Verdadeira: o seu centro
a sua fogueira interior, a sua amêndoa
o seu peso na tarde solar.

XIV

O pai ficava
em silêncio
a pensar numa solução
para aquilo
(Mas não havia solução
para aquilo)

A mãe
orbitava ao redor
como uma mariposa ao redor
(mas não havia coisa nenhuma
ao redor da qual
se pudesse
órbitar)

Um pensamento baço
entorpecia a tarde
e era um pensamento
sem pensamento –
uma faca
talvez
sem a lâmina
um osso
que se atirasse
por cima do muro

(O tempo jamais
deixou de passar)

XV

Em minhas origens há o sol
e há estes cabelos de vento
 flutuando ao sol
num dia sem amarguras

Há um azul verdadeiro
e as penas de um galo
intrometendo-se no dia
como rubras adagas
 rubros
 punhais

que nada solicitam
Em minhas origens há uma água
que flui – inteiramente – por fora
e que sacia a minha sede

(bebida entre mãos pacificadas) –
que não vem de pensar
 mas de ser
 Há o ser

e estar sentado aqui, a olhar para lá
entre a sombra do ipê que me salva
e as grandes mágoas
 de amanhã.

XVI / PRESSA

Havia pressa como havia
o sumo
do fruto rechonchudo
Havia
urgência
como havia o tempo
invisível
a apodrecer por dentro
o que não se podia
reter.

XVII

Um palhaço
cuja maquiagem se desfez na chuva
dificilmente poderia fazer do futuro
uma coisa engraçada

Uma formiga
atarefada em carregar uma folha
daria pouco lucro
para um banco

Uma árvore
cujas folhas caíram no inverno
enfeitaria pouco
uma paisagem

Um cão sem dono
com a pele escoivarada pela sarna
não poderia ser útil
à sociedade

XVIII

A tua nudez me desconcerta
desloca o meu centro de gravidade
me lança no fogo
das exortações.

XIX

Há uma busca tremenda de *ser*
nesta tarde em que nos pesa a memória
do que se perdeu.

XX

Os pensamentos moviam-se
como serpentes
contorciam-se
sobre si mesmos

(Por dentro
uma apreensão verdadeira
instituí a o dia
ao mesmo tempo
em que o sufocava com o seu peso –
seus amanhã)

Mas para quê os pensamentos
se os pensamentos
na tarde cinzenta
mal resistiam ao mormaço do outono –
mal resistiam
àquilo que tentavam
segurar?

Tudo era fútil:
a hora e seus faróis
o sonho e suas guitarras
a formiga e seus portulanos
Tudo era a sombra que se
alargava
lenta
sobre uma coisa
que os pensamentos perdiam
no outono

(Flores de gesso não
poderiam jamais
enfeitar
aquela melancolia)

XXI / O MAIS AGUDO GRITO

A tarde dadaísta
à tarde
se equilibrava sobre um
 fio
 estava por um fio
 como a noção da
 alegria
 como a nossa alegria
naquele outubro
 terrível
naquela primavera infernal

(Outubro se tornou
o mais cruel dos meses
 mordeu
com sua mandíbula seca
 a mão que o afagou
 cuspiu
Tornou-se dentro de pouco
uma completa
 ruína
ou como um pensamento de ruína
 uma bolsa
 jogada fora
 à margem
como uma esperança que se frustra
após a chuva)

A tarde
 crescia como um arco
como uma criança
depressa demais
depressa demais para a nossa
 inconsciência
instável demais para que um pensamento dela
para que uma idéia que se fizesse
 dela
inútil demais para que se fizesse
 dela
 uma idéia
 qualquer
 idéia

E eram setembros soterrados

janeiros
devastados
trocados por trinta dinheiros
dentro de nós
que de nada sabíamos
e apenas suportávamos
o inútil calor da estação

Uma duas três
eram as horas daquela tarde
daquela fadiga
daquela tarde
que não vinha de se ter feito qualquer esforço
mas não importava:
 havia os ipês
 florindo ferozmente
 como buquês de roxo
e atapetando de flores
a terra agradecida
e a terra

Agudos
nítidos demais
para aquele outubro

(Trocavam-se inteiramente
num esforço inacreditável
por flores roxas
e berravam
e zuniam
na tarde)

O pensamento
jamais seria o bastante
jamais seria suficiente
para apascentar
 aquele princípio
 aquele caos.

XXII / ELEGIA BREVÍSSIMA

Uma vez traído
 outubro
entregue aos ventos da
derrelição.

XXIII

Meio palhaço não é suficiente
para fazer rir
toda uma platéia
para fazer rir
uma alcatéia

(Era como se tivéssemos perdido
parte
do sol
naquele outubro
E caminhávamos
lentamente
e estávamos certos de
uma coisa

Mas não havia
nada para encontrar:
nada que estivesse lá
para ser encontrado
E então a noite testemunhava
contra nós

baixava
com o peso de mil remorsos
de mil mágoas sufocadas entre mil
recordações
farrapos
de tentativas)

(Nada é suficiente
quando se lê no vôo dos pássaros
quando não se lê
(não se concebe)
quando não
se
quando se voga à deriva
quando se desce
à deriva
sem a diretiva
do mar
sem a direção
)

Um pássaro a planar

sobre um precipício
era um pensamento
 naquele outono
à beira de um cais
 (mas não havia
 o cais)

à beira
de um poço

Essa imagem
 o pássaro.

XXIV / MÁGOA E LODO

Mágoa
e lodo
acumulavam-se
no coração entorpecido
 pouco exercitado
 no vôo

 E acumulavam-se
pesando-o
puxando-o para baixo
cada vez mais para baixo
tornando-o mais lento
 até o
 afogamento.

XXV

Não posso me esquivar
do teto
 que desmorona

Se o teto desmorona,
 se dou
 a este cavalo
 um nome dúbio
se transporto comigo para o norte
 a soma
 das perplexidades
 o dia (se
 quando penso ser
 o herói
de minha própria comédia,
 estou apenas
 a blefar?)

Nada alcanço
 não sou
 senão
 um esboço vago
daquele que não terei de ser
 que sou obrigado
a ser
porque as horas assim
 o determinam

Nada posso salvar
do tempo
 que desmorona
 ao redor.

XXVI

Sete corvos adiante
aguarda o futuro
 Entre fracassos
 testemunhos
 desmantelamentos
talvez consigas atravessar
 a parte turbulenta
E então
 sete corvos adiante
 encontrarás
 o futuro

Ou não

Pode ser que
nada te espere
do outro lado
que
 pode ser
 a próxima manhã
 que o próximo sol
 não seja mais
 que
 um prosseguimento
 um passo
 à frente
 a noite –

e então encontrarias do outro lado
o próprio escuro do qual intentaste
 fugir
do qual não pudeste fugir
e o atravessaste de extremo a extremo
 até o outro lado
ao que imaginavas ser
 o outro
 lado

(O que é o outro lado?
Que esperanças terias
 de um outro lado?
Como poderias conceber
 em tua cegueira
 um outro

lado?)

Sete corvos adiante
onde talvez exista
um outro lado

Pode ser que não consigas e que
do outro lado
encontres
exatamente
a mesma coisa
a mesma escuridão
de coisa
sem amanhecer

onde
sete corvos adiante
sete
lâminas
está a te aguardar
o gênio do futuro
como uma sentinela
aquecendo-se ao fogo
do inimigo

(Pode ser que não o consigas
nem mesmo saltando
de dois em dois degraus
nem mesmo te precipitando
te atirando
na vertigem)

XXVII

Sempre um
expatriado

Nada me faz retornar

Se concebo
na treva
do sono
 um porto ao qual
 me dirigir
(um cais de sonho onde possa ancorar)
é só por desfastio
inércia
em mim
de todos os portos:

 estão fechados
 para os que chegam
 para os que foram abandonados
 pelos que vão
 (e já não os buscam
 mais)

Sempre um
expatriado
 na curva
 do próprio pensamento:
 e sem um caminho ou
 uma rota
 que me leve
 de volta
 ao país a que não desejo
 ir

(E mesmo que tivesse
um caminho
 uma rota
 não iria
 a esse país
 porque é só o país
 aonde não quero
 ir)

Seria no inverno

no verão
Seria entre os pigmeus
ou na Malásia
ou num quarto de hotel
ou em casa

Na treva
de uma noite qualquer
parado

Não há como
retornar.